



## A QUESTÃO DO NEGRO EM MONTEIRO LOBATO

Maria da Luz Duarte Leite Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - (UFRN). E-mail: [lulinhaduarte@hotmail.com](mailto:lulinhaduarte@hotmail.com)

Felipêncio Gomes dos Santos Júnior

Instituto Federal do Rio Grande do Norte - (IFRN). E-mail: [felimesanior@gmail.com](mailto:felimesanior@gmail.com)

### RESUMO

A negritude tem sido atingida, historicamente, por um enorme emaranhado de significados negativos. Este fator tem propiciado uma identidade voltada a aspectos de “inferioridade” racial e preconceito, que, mesmo sendo históricos, ainda possuem fortes raízes na contemporaneidade, seja nos espaços sociais, midiáticos, educacionais e no literário. Para tanto, tornou-se importante investigar as representações do negro contidas na literatura, mais especificamente na literatura de Monteiro Lobato. Para isto, realizou-se uma discussão da construção sócio-histórica da identidade negra no Brasil, bem como uma análise de algumas obras de Lobato (adultas e infantis) e possíveis aspectos ideológicos que poderiam ter influenciado o escritor na construção da representação do negro. Foram tomados, como base neste estudo, alguns autores como Hall (2009), Lajolo (2014), Lobo (2008), Foucault (1975), entre outros. Logo, pode-se dizer que Monteiro Lobato vivera um período efervescente de teorias raciais, suas obras – sejam infantis ou adultas – também trazem em si uma revelação do “lugar” do negro – inferior, discriminado, estereotipado – na cultura branca, tendo, porém, que ressaltar uma possível ambiguidade do *Lobato de seu tempo* – envolvido pelas correntes ideológicas e “científicas” do discurso racista – e o *Lobato denunciante da crueldade histórica do homem branco*.

**PALAVRAS-CHAVE:** negritude, representação, preconceito

### Considerações Iniciais

A negritude, tem sido atingida, historicamente, por um enorme emaranhado de significados negativos. Este fator tem propiciado uma identidade voltada a aspectos de “inferioridade” racial e preconceito, que mesmo sendo históricos, ainda possuem fortes raízes na contemporaneidade, seja nos espaços sociais, midiáticos, educacionais e até mesmo literário.

Em relação a literatura, autores notáveis como Aluísio de Azevedo, Jorge Amado, Mario de Andrade e Monteiro Lobato fizeram representações do negro em suas obras. No tocante a este último, a partir de 2010, seus escritos têm sido acusados de conterem racismo- tanto nas obras infantis como adultas.

Pelas razões apresentadas, tornou-se importante investigar as representações – ou identidade – negra contida na literatura, mais

especificamente na literatura de Monteiro Lobato. Para isto, uma discussão breve da construção sócio-histórica da identidade negra no Brasil, bem como, uma análise de algumas obras de Lobato (adultas e infantis) e possíveis aspectos ideológicos que poderiam ter influenciado o escritor na sua representação negra, foram tomadas, na pesquisa, como base do estudo, dialogando com autores como Hall (2009), Lajolo (2014), Lobo (2008), entre outros.

### **Tecendo sobre a condição sócio-histórica do povo negro no Brasil.**

Quando indivíduos partem do princípio da reflexão a respeito do conceito de construção identitária, notavelmente hipóteses são levantadas a fim de compreender a esquemática histórica e ideológica que originou algo ou possibilitou o presente constituído. Isto porque, toda construção requer um processo das possibilidades que a originaram no intuito de desvendar *os porquês* do agora.

Refletir identidade, no entanto, nunca foi simples, tendo em vista que as relações que se desenvolvem entre seres humanos acabam por determinar, *a priori*, as *identificações* ou identidades que se constroem e desconstroem progressivamente, e que sempre se apresentaram instáveis. E neste sentido, a ideia do “outro” e do “eu” é configurada pela diferença que interage nestas relações. “A identidade, é assim, marcada pela diferença” (WOODWARD, 2009, p. 9) e ainda:

[...] É apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado “positivo” de qualquer termo- e assim sua “identidade” – pode ser construído (HALL, 2009, p.110).

Desta maneira, o “eu” - a identidade do sujeito ou de uma determinada coletividade- perpassa o olhar do “outro”, que se vendo diferente, enquadra-o ou é enquadrado em significados simbólicos que fixam e determinam os *papeis sociais*. Isto se percebe quando, por exemplo, alguém afirma: “Você jamais será como eu!”. O “você” e o “eu”, neste caso, se apresenta como diferença, em que supostamente o sujeito falante se coloca como superior, determinando o seu lugar de altivez e fixando o lugar do outro que “jamais será como ele”, estabelecendo assim, relações de poder.

Vê-se, com isto, que as relações identitárias encontram-se em constantes conflitos, certamente impostas em tensões de poderes simbólicos que constituem “o superior” e “o subalterno”, havendo uma suposta hierarquização, mas que em ambos, exercem relações de poder (FOUCAULT, 1975).

Castells (2010) usa o termo *identidade de resistência* para designar identidades construídas no cerne das revoltas dos “inferiores” contra os “superiores”, em que, desvalorizados e estigmatizados não aceitam o seu lugar simbólico, lutando por valorização e respeito, exercendo então, o poder de resistência e luta por direitos e prestígio.

Apesar disso, as identidades desprestigiadas que foram sendo construídas por longo período histórico não são tão fáceis de se reverterem no imaginário social, isto porque, encontram-se na memória coletiva da humanidade e munida de preconceitos e estereótipos, em muitas vezes, veladas e silenciosas.

Assim, pode-se dizer que, a história da negritude no Brasil perpassou por inúmeros fatores que apontam e explicitam o racismo que na contemporaneidade ainda se mantém, sendo construída em séculos de segregação, exploração, preconceito e violência, e que, evidentemente apresentam características difíceis de se demolirem.

Desde 29 de março de 1549, quando se registra o primeiro ato referente a escravidão do negro no Brasil através de um alvará que permitia a importação de escravos da Guiné e da Ilha de S. Tomé com destino a engenhos brasileiros de cana-de-açúcar (RENAULT apud LOBO, 2008, p. 131), os sujeitos negros tornaram-se “objetos” de desejos econômicos da população branca e elitista.

Considerada a maior migração forçada da história, com mais de três séculos de permanência, o tráfico atlântico dos Navios negreiros que importaram da África à América cerca de 11 milhões de pessoas, tendo 40% como destino o Brasil (ALADRÉN, 2012), foi marcado pelo corpo cativo e sujeitado, mas não passivo frente a crueldade.

Apesar da escravidão, os negros não se conformavam com a situação escravocrata. Desencadearam, como resistência, inúmeras fugas, rebeliões, criação de quilombos; praticavam *furtos* com o intuito de *comprar a própria alforria* ou viver em melhores condições; fingiam doenças e paralizações, promoviam queimas de plantação e rebelavam-se individualmente ou coletivamente. (LOBO, 2008, p.163-167). Tudo isto propiciava a fama *de povo rebelde, promíscuo e de má índole*.

Mesmo após o festejado 13 de maio de 1888, em que, a princípio, os negros deveriam estar em igualdade perante a lei com os brancos, o acesso a cidadania assim não se fez. Santos e Rocha (2017) descrevem:

Muitos negros, no período pós-abolição, migraram das fazendas para os centros urbanos e não conseguiram se inserir no mercado de trabalho, pois, os empregadores preferiram a farta mão de obra dos imigrantes. Muito contribuiu para esta situação, o conceito

arraigado na sociedade de que o negro era apto apenas para o trabalho escravo e com isso, na maioria das vezes, só lhe restavam o subemprego e o trabalho informal. Além disto, é importante ressaltar que nenhuma política habitacional foi colocada em prática, o que gerou um intenso processo de favelização das cidades. (SANTOS e ROCHA, 2017, p. 2).

Além da escassez de trabalho e moradia, como descrito, ainda se firmaram, de maneira arraigada, após o período de abolição da escravatura, o denominado *racismo científico*- entre as quais destacam-se a eugenia, o darwinismo social e a teoria do embranquecimento -, em que, os supostos estudos de ciências – em áreas de direito, medicina e etc.- estabeleciam uma hierarquização de raças, em que a negra assumia uma posição dentre as mais subalternadas.

Com tudo isto, nota-se que a construção sócio-histórica da identidade negra no Brasil perpassou por inumeráveis conceitos relativos a preconceito, subalternidade, estereótipos, explorações, entre outros, que possivelmente influenciaram e ainda influenciam a memória coletiva da sociedade atual.

### **O negro na literatura de Monteiro Lobato.**

Apesar de na contemporaneidade a figura do negro ser cada vez mais constante na literatura nacional, ainda se nota por parte de muitos escritores uma *ausência* de personagens afrodescendentes em suas obras. A história literária, inclusive, indica que antes de 1850 a literatura nacional tinha o negro como ser *invisível* – esquecido pelos grandes autores brasileiros (BROKSHAW apud Castilho, 2004).

Em José Bento Monteiro Lobato, mais conhecido, apenas, por Monteiro Lobato, todavia, a representação negra é constante, e em alguns casos, recebem lugar de protagonismo. Na sua renomada literatura infantil, personagens negros como Tia Nastácia, Tio Barnabé e o Saci se eternizaram nas lembranças de gerações. Na literatura adulta, obras como *Negrinha* (1994) e *O presidente Negro* (2009) colocam em destaque personagens de descendência africana.

A partir de 2010, a literatura lobatiana tem sofrido uma série de discussões concernentes à introdução, por parte do autor, de elementos racistas em suas obras destinadas ao público infantil. A polêmica deu início com um parecer (nº 15/2010) emitido pelo Conselho Nacional de Educação como resposta a denúncia de Antônio Gomes Costa Neto. O parecer discorre acerca de uma de suas obras:

[...] A obra CAÇADAS DE PEDRINHO só deve ser utilizada no contexto da educação escolar quando o professor tiver a compreensão dos processos históricos que geram o racismo no Brasil. Isso não quer dizer que o fascínio de ouvir e contar histórias devam ser esquecidos; deve, na verdade, ser estimulado, mas há que se pensar em histórias que valorizem os diversos segmentos populacionais que formam a sociedade brasileira, dentre eles, o negro (BRASIL, 2010, p. 2).

Cabe à Coordenação-Geral de Material Didático do MEC cumprir com os critérios por ela mesma estabelecidos na avaliação dos livros indicados para o PNBE, de que os mesmos primem pela **ausência de preconceitos, estereótipos**, não selecionando obras clássicas ou contemporâneas com tal teor (p. 5)

Caso algumas das obras selecionadas pelos especialistas, e que componham o acervo do PNBE, ainda apresentem preconceitos e estereótipos, tais como aqueles que foram denunciados pelo Sr. Antônio Gomes Costa Neto e pela Ouvidoria da SEPPPIR, a Coordenação-Geral de Material Didático e a Secretaria de Educação Básica do MEC deverão exigir da editora responsável pela publicação a inserção no texto de apresentação de uma nota explicativa e de esclarecimentos ao leitor sobre os estudos atuais e críticos que discutam a presença de estereótipos raciais na literatura (p.5).

A obra *Caçadas de Pedrinho* fora escrita por Lobato como ampliação de outro livro de sua autoria redigido em 1924 intitulado de “A caçada da onça”. Segundo a denúncia do Sr. Antônio Gomes, *Caçadas de Pedrinho* conteria teor racista concernente a personagem negra Tia Nastácia, bem como, faria referências preconceituosas mediante aparições de animais como macaco, urubu e feras africanas, e por tanto, deveria ser repensada como escolha de livros para as instituições educativas. Em certo momento a obra literária narra:

“[...] e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma macaca de carvão, pelo Mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida se não trepar em mastros.” (LOBATO, 2009, p.39).

Percebe-se, que a comparação do autor entre a negra *Nastácia* e uma *macaca*, mais especificamente a uma “*macaca de carvão*”, possivelmente fazendo menção a características fenotípicas de cor, além de utilizar termos como “trepou” e “agilidade” para fortalecer o comparativo *Nastácia* e *macaca*.

Vale dizer, que na mesma obra, o termo “trepou” é usado em outro momento, por Lobato, referindo-se a personagem Dona Benta, que é branca: “[...]”

A pobre Dona Benta teve de trepar na escada e ajeitar-se sobre o par de andaimes que Pedrinho lhe destinara” (p.33), além de que, a comparação entre ser humano e macaco, parece normal, em Lobato, para qualquer raça. Como em: “[...] como se houvessem virado macacos, todos procuraram a salvação nas árvores” (p.16) e ainda: “Imbecil! — Resmungou a capivara, furiosa de tamanha asneira. — Não é à toa que os macacos se parecem tanto com os homens” (p. 23).

Se por intermédio de *Caçadas de Pedrinho* deu início a polêmica concernente a um suposto racismo de Lobato, em *Histórias de Tia Nastácia* (2011), no entanto, em que a negra assume lugar de contadora de histórias, e por tanto, de protagonismo na narrativa, a representatividade de cor é mais evidenciada.

Em *Histórias de Tia Nastácia* a negra é representada como sendo o povo, ou seja, detentora de sabedoria popular, mas sem qualquer erudição. Pedrinho curioso em conhecer as “histórias do povo” dialoga com Emília: “Estou com o plano de espremer Tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela” (LOBATO, 2011, p.12). Desta forma, o negro em Lobato é a representação máxima do *povo*.

Um dos fatores mais significativos de observação em *Histórias de Tia Nastácia* no que diz respeito a identidade negra, relaciona-se aos comentários que os personagens faziam logo após cada história contada por Nastácia. As crianças – Narizinho e Pedrinho-, Dona Benta e sobretudo a boneca Emília utilizam-se de palavras, muitas vezes, ofensivas:

[...] O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outras coisas não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes [...] (p.27)

Pois cá comigo – disse Emília- Só aturo essas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo [...]. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras, coisa mesmo de negra beijuda como Tia Nastácia [...].” (LOBATO, 2011, P.28).

[...] O povo, coitado, não tem delicadeza, não tem finuras, não tem arte. É grosseiro, tosco em tudo o que faz [...] (p.49)

Bem se vê que é preta e beijuda! Não tem a menor filosofia esta diaba [...] (p.90).

Observa-se com tudo isto, que o negro, na figura do povo, recebe termos relacionados à ignorância, burrice; sem delicadeza, finura ou artes e sem qualquer filosofia ou cultura, além da adjetivação de diaba. Valendo ressaltar ainda o estereótipo do “beijo” do “preto”, que nas palavras da boneca de pano: “[...] beijo é de boi – protestou Emília-gente tem lábios” (p.78).

Torna-se importante, também, perceber os espaços sociais ocupados pelos personagens negros, principalmente na obra infantil de Lobato, são espaços que se encontram pessoas sem estudo, que não precisam de boa formação para tal. A Própria Nastácia, raramente aparece distante do ambiente da cozinha, sempre preocupada em “preparar um bom prato”, enquanto O Tio Barnabé apresenta-se como um Senhor que adora fumar cachimbo, imbuído de cultura popular, mas não erudita. Para Santos (2007), ambos representavam, supostamente, os descendentes de escravos durante a década de 20 no Brasil, e por este motivo, socialmente estigmatizados. Nota-se, porém, que os dois negros são apresentados, normalmente, como pessoas respeitadas e bondosas.

Não é apenas na literatura infantil que Monteiro Lobato apresenta personagens negros em suas obras, em *O presidente negro* (2009), o autor retrata a *guerra das raças* mediante as figuras centrais de Jim Roy (político negro) e Kerlog (político branco), dentre os quais, o primeiro, assume a presidência dos Estados Unidos em um ato de *traição*, acirrando os conflitos raciais no país.

A obra adulta em questão passa-se no ano 2228 em que o autor através do “porviroscópio” – espécie de máquina que consegue visualizar o futuro- presume a extinção da raça negra nos Estados Unidos através de um produto denominado de raios ômega, que “[...] possuem virtude dupla. Ao mesmo tempo que alisam os cabelos [...] esterilizam o homem” (LOBATO, 2009, p. 190).

Desta forma, a raça negra, na obra, é extinta através de um produto que combate a característica do cabelo negro – crioulo- promovendo, ao mesmo tempo, a esterilização. Nota-se com isto, uma forte influência da eugenia – movimento que se dizia científico, que propagava a superioridade branca em detrimento as demais, e que, para a promoção do “melhoramento das raças” a esterilização poderia ser possível-, sendo que, também, na própria obra, o autor faz referência a eugenia diversas vezes, ora a exaltando como em: “O choque das raças fora prevenido, o que valeu por nova vitória da eugenia” (p. 192).

Em *O Presidente negro*, porém, o autor não esconde a crueldade histórica sofrida pelos negros. O mesmo narra o passado de sofrimento e condena a perversidade branca de séculos:

Viu muito longe, esfumado pela bruma dos séculos, o humilde *Kraal* africano visado pelo feroz negreiro branco, que em frágeis briques vinha por cima das ondas qual espuma venenosa do oceano. Viu o assalto, a chacina dos moradores nus, o sangue a correr, o incêndio a engolir as palhoças. Depois, o saque, o apresamento dos homens válidos e das mulheres, a algema que lhes garroteava os pulsos, a canga que os metia dois a dois em comboios sinistros tocados a relho para a costa [...] Carga

humana, coisa, fardos de couro negro com carne vermelha por dentro. A fome, a sede, a doença, a escuridão. Por sobre as cabeças de da carga humana, um tabuado. Por cima do tabuado, rumores de vozes. Eram os brancos. Branco queria dizer uma coisa só: crueldade fria... (LOBATO, 2009, P. 132-133).

Percebe-se, desta maneira, que apesar da vitória branca com a esterilização da raça negra, colocando-a supostamente em superioridade, Lobato, na obra, não nega a *crueldade fria* do branco, mesmo depois afirmando que existem *brancos bons* como em: “Viu depois a aurora da noite de 200 anos: Lincoln. O Branco Bom [...]” (p. 133). Tal denúncia de Lobato em relação a crueldade histórica do branco é vista também, de forma similar, em *Negrinha*:

[...]. Os pretos sofriam como destinados a dor. E os brancos tinham como dogma que de outra maneira não se levavam pretos. O sentimento de revolta não latejava em ninguém [...] sempre que na casa do tronco o bacalhau arrancava urros a um pobre infeliz. A mim, em começo, também me era indiferente a dor alheia. Aos depois [...] aquelas barbaridades diárias punham-me fremente de cólera. Uma vez tive ímpetos de estrangular o déspota [...]. (LOBATO, 1994, p. 101).

Assim sendo, a identidade negra representada em obras de Monteiro Lobato parece apresentar, *a priori*, uma duplicidade, visto que ao mesmo tempo em que o autor faz referência a possíveis estereótipos do negro- aludindo a termos preconceituosos, posições sociais de subalternidade, inferioridade racial e etc.- o coloca, em muitas vezes, em protagonismo, como *contadora de história* ou *Presidente*, figura bondosa e respeitosa, além de condenar a crueldade histórica vivida pelo negro.

### **Lobato: aspectos racistas e historicizados**

Quando se pensa em uma obra literária, faz-se necessário a compreensão histórica do período em que a mesma fora redigida, isto porque, assim como todo produto, ele fora pensado e destinado a produzir efeitos dentro de uma certa demanda temporal, social e cultural. Desta maneira, ideologias, representações sociais, personagens, enredo, dentre outros, são pensados por/a um determinado sujeito em um determinado contexto, que diverge, e as vezes, entra em conflito com questões atuais.

Dentro da lógica especificada, a obra lobatiana deve ser compreendida – também e não apenas- como um produto do meio sócio-histórico, e para



tanto, deve-se conhecer os discursos ideológicos raciais que cercavam Monteiro Lobato durante toda a sua vida.

A princípio, torna-se significativo a observação do nascimento do escritor que data em 18 de abril de 1882, anterior ao festejado 13 de maio de 1888, tendo assim, Lobato vivenciado mesmo que em curta temporalidade- o período escravocrata brasileiro. Mas como já, decorrido outrora, mesmo após a abolição, os negros continuaram sendo estigmatizados pela sociedade e sem igualdade de direitos políticos, sociais, financeiros e etc. Afetando assim, possivelmente, o contexto do autor.

Além do exposto, três correntes racistas-duas ideológicas e uma que se considerava científica- tinham forte influência em relação a intelectualidade brasileiras - sobretudo durante o término do séc. XIX e início do séc. XX - o que pode ter influenciado drasticamente o escritor, das quais são: darwinismo social, teoria do embranquecimento e a “científica” eugenia.

O darwinismo social tem sua gênese a partir dos estudos de Darwin sobre seleção natural ou evolução das espécies. Darwin jamais elaborara uma teoria que atingisse a área social, mas seus estudos levaram alguns intelectuais a apostarem “na ideia de tipos perfeitos (indivíduos que não eram miscigenados), segundo consideravam a mestiçagem como uma praga para a sociedade ‘civilizada’ que precisava ser evitada e eliminada” (SILVA e SANTOS, 2012, p.1-2). Causo descreveu: “Monteiro Lobato, cidadão do seu tempo que era, caiu pela falácia do darwinismo social” (2003, p.137).

A teoria do embranquecimento, também denominada de ideologia do branqueamento, todavia, pregava que o Brasil deveria passar por um “clareamento”, em que as raças “inferiores” (índios e negros) ao se mesclarem com a branca, poderiam ser “melhoradas geneticamente”. Nas palavras de Seyferth (1996, p. 49): “o branqueamento da raça era visualizado como um processo seletivo de miscigenação que dentro de um certo tempo (três gerações), produziria uma população de fenótipo branco”. Este processo dar-se-ia mediante as políticas de imigração europeia, intensificadas sobretudo nas décadas de 1880, 1890 e 1920.

No que tange a eugenia, possivelmente a mais próxima e concreta no pensamento de Monteiro Lobato, por ter sido membro da Sociedade eugênica de São Paulo, além de ter estabelecido vínculo com médicos eugenistas como Renato Kehl (1889-1974) e Arthur Neiva (1880 - 1943) segundo aponta Feres Júnior (2013), a mesma se trata de uma suposta linha científica em que a hereditariedade determinaria os sujeitos “inferiores” e “superiores” e que, para tanto, estimulava o “melhoramento das raças” incitando a procriação dos “bem dotados” (brancos) e o impedimento da proliferação dos “inferiores” (negros e mestiços), utilizando-se,

inclusive, da esterilização Maciel (1999). A pesquisadora Lajolo descreve:

Num tempo em que por toda a parte, inclusive os Estados Unidos, muitos acreditavam, que o cruzamento entre raças levava à degeneração social e que criminosos, epiléticos e doentes mentais deveriam ser esterilizados, Lobato comungava com largo espectro do campo das ciências e boa parte da opinião pública Nacional e Internacional na defesa das teses eugênicas, que muitas vezes não se distinguiam bem da noção de higiene pública (MACIEL,2014, p.194).

Caminhando por essa lógica, percebe-se que o período histórico vivenciado por Monteiro Lobato estava inflamado de correntes racistas que alcançavam significativamente a elite brasileira- e também internacional- da qual o escritor comungava, e por tanto, como sujeito histórico-social, as correntes ideológicas da época lhe atingiam drasticamente, e conseqüentemente, as suas obras.

### **Considerações finais**

A identidade como um processo de construção permanente e não locada em um lugar de fixidez- no entanto ora mais rígida- que se modifica ao longo do período histórico, tem resistido a mudanças cruciais no que concerne a identidade negra, por esta ter transpassado séculos de construção identitária baseada em fatores de estereótipos e discriminação, visto também, ainda na pós-modernidade.

A literatura, que carrega em seu bojo a representação da sociedade, acaba também, por receber demasiada influência do contexto social e cultural de uma determinada época, da qual, tem-se resistido durante anos a perspectiva negativa do negro como sujeitos “subalternados”.

Logo, visto que o literário Monteiro Lobato vivera um período efervescente de teorias raciais, suas obras-sejam infantis ou adultas-também trazem em si uma revelação do “lugar” do negro- inferior, discriminado, estereotipado- na cultura branca, tendo, porém, que ressaltar uma possível ambigüidade do *Lobato de seu tempo* – envolvido pelas correntes ideológicas e “científicas” do discurso racista – e o *Lobato denunciante da crueldade histórica do homem branco*.

### **REFERÊNCIAS**



ALADRÉN, Gabriel. O tráfico de escravos e a escravidão na América portuguesa. In: DANTAS, C.; MATTOS, H.; ABREU, M. (Org.). *O negro no Brasil: Trajetórias e lutas em dez aulas de história*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012

BRASIL. Conselho Nacional de educação. *Parecer CNE/CEB nº 15/2010*. Relatora: Nilma Lino Gomes. 1º/9/2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=6702-pceb015-10&category\\_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6702-pceb015-10&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 04 ago. 2017

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. V.2. São Paulo: Paz e terra, 2010.

CASTILHO, Suely Dulce. *A Representação do Negro na literatura Brasileira*. Novas Perspectivas, v.7 nº01, 2004b.

CAUSO, Roberto de Souza. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2003.

FERES JÚNIOR, José et all. *Monteiro Lobato e o Politicamente correto*. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 56, nº 1, p. 69-108, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Editora Vozes, 1975.

HAAL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu da (org.); WOODWORD, K. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

LAJOLO, Marisa (org.). *Monteiro Lobato, livro a livros: obra adulta*. São Paulo: editora Unesp, 2014.

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense, 1994

\_\_\_\_\_. *Caçadas de Pedrinho*. 3 ed. São Paulo: Globo, 2009

\_\_\_\_\_. *Histórias de Tia Nastácia*. 3 ed. São Paulo: Globo, 2011

\_\_\_\_\_. *O presidente Negro*. 2 ed. São Paulo: Globo, 2009

LOBO, Ferreira Lima. *Os infames da História: Pobres, escravos e deficientes no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008

MACIEL, Maria Eunice de S. A eugenia no Brasil. Anos 90, Porto Alegre, nº 11, p. 121- 130, jul. ,1999.

SANTOS, Elizângela da Silva. *O sítio do pica-pau amarelo e a sua divisão social do trabalho*. Mediações: Londrina, V. 12, N.1, p. 249-266, jan/jun. 2007

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

[www.sinafro2018.com.br](http://www.sinafro2018.com.br)



SANTOS, Lais Maine; ROCHA, Cristiany Miranda. *Liberdade e desigualdade: a inserção do negro na sociedade republicana do pós-abolição*. Acesso em: Em 24 Jul. 2017

SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, Marco Chor (org.); SANTOS, Ricardo Ventura (org.). *Raça, Ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: editora Fiocruz/CCBB, 1996.

SILVA, Thiago Dantas da; SANTOS, Maíra Rodrigues dos. *A abolição e a manutenção das injustiças: a luta dos negros na primeira república brasileira*. Cadernos Imbondeiro, João Pessoa, v.2, n.1, 2012.

WOODWORD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomas Tadeu da (org.); HALL, S. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

